

HABITAÇÕES HISTÓRICAS: EXEMPLOS DA CULTURA BARRABUGRENSE

DEINA, Salete¹; FURTADO, Vanessa Nossol²; REIS, Victor Bruno Gonçalves dos³; TIBURSKI, Helen Maria⁴ e TARDIVO, VeruskaPobikrowska⁵

RESUMO

A cidade de Barra do Bugres no interior do estado de Mato Grosso, localizada a 180 quilômetros da capital Cuiabá, era uma cidade de cultura derivada da pesca e extração da poaia, que hoje em dia se configura na alta produção de biocombustível com a usina de cana-de-açúcar e população flutuante de universitários que juntamente com a instauração do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2001 tem se mostrado um território fértil de pesquisa aos docentes e acadêmicos do curso, seja nas disciplinas voltadas a abordagem teórica ou mesmo patrimonial, na formação do profissional da construção civil. É neste interim que se apresenta esta pesquisa realizada por alunos e professores do curso, marcado pelo registro documental e técnico-construtivo de dois exemplares de habitação popular deste município, praticamente os últimos remanescentes da colonização e cultura local, que se modificou substancialmente pela crescente especulação imobiliária, reestabelecendo uma nova configuração urbana, não mais voltada às margens do Rio Paraguai e, modificação da concepção técnica-construtiva da cidade, muitas vezes impostas e transplantadas por migrantes do sudeste e sul do país e, com eles trazendo suas técnicas adversas ao habitat, fato ocorrido na década de 70 do século XX.

PALAVRAS CHAVE: Arquitetura Colonial; Vernácula; Barra do Bugres.

ABSTRACT

The Barra do Bugres city at the state of MatoGrosso is located 180 kilometers from the capital Cuiabá. It was a city of culture derived from fishing and extraction of *ipecacuanha* that nowadays is configured with high biofuel production plant with cane sugar. Population of university students with the introduction of the Architecture and Urbanism of the University of the MatoGrosso State (UNEMAT). Since 2001 has shown a fertile territory for

¹ Estudante de Arquitetura e Urbanismo, UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: sdeina2301@gmail.com.

²Estudante de Arquitetura e Urbanismo, UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: nessanossol@gmail.com.

³Estudante de Arquitetura e Urbanismo, UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: au.victor.reis@gmail.com.

⁴Estudante de Arquitetura e Urbanismo, UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: hellenmski@gmail.com.

⁵Orientadora, Mestre, UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, curso de Arquitetura e Urbanismo, Campus de Barra do Bugres, e-mail: veruska.tardivo@yahoo.com.br.

teachers and research of the course, subjects or theoretic asset in the formation of professional construction.

For this context that presents this research by students and teachers of the course. It's marked by the documentary record, technical and constructive two examples of this popular home that practically the last remnants of colonization and local culture that they were substantially modified by the growing speculation. It was reestablishing a new urban configuration that no longer facing the banks of the Paraguay River and modification of the technique-constructive City. They were imposed and transplanted often by migrants from south and southeast of the country, bringing with them their techniques adverse habitat. This occurred in the 70s, 20th century.

KEYWORDS: Colonial Architecture; Vernacula; Barra do Bugres.

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo documentar através de levantamentos arquitetônicos, iconográficos, históricos, assim como análise da técnica-constructiva executada nas casas, no caso dois últimos remanescentes da colonização na cidade, resgatando assim o patrimônio material local, bem como trazer a tona a população formas de construção que se adaptam as condicionantes da região caracterizada pelo clima tropical, 6 meses intensos de seca alternados a 6 meses de intensa chuva, ao mesmo tempo extremamente quente, haja visto que as técnicas transplantadas, na década de 70 do século XX, não atendem as necessidades locais e, ao mesmo tempo este patrimônio, em virtude da especulação e a falta de manutenção tem se perdido e se degradado, chegando a ruir e se perder.

O trabalho destaca a importância do levantamento arquitetônico patrimonial, para desta forma registrar conceitos históricos relacionados à arquitetura de migração, foco deste estudo, presente na cidade de Barra do Bugres, estado de Mato Grosso, relatando as influências migratórias nas edificações que resistiram desde o início da formação da cidade em 1943 até os dias atuais. Foram realizadas pesquisas qualitativas como abordagem de um referencial cultural e arquitetônico das construções, abrangendo principalmente técnicas construtivas com adaptações locais. Ressaltando assim a necessidade de impor meios para que essa importante patrimônio local seja preservado, a fim de manter a arquitetura local viva na memória e na cultura dos barrabugrenses.

A realização deste artigo teve como método a pesquisa bibliográfica, conforme (GIL, 2002, p.17):

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois segundo (GIL, 2002, p.133) é menos formal que a quantitativa:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Também se utilizou o método de pesquisa documental, uma vez que a aquisição de uma das casas abordadas na pesquisa foi adquirida pela Prefeitura Municipal e, portanto, para (GIL, 2002, p. 45), “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Em visita *in loco*, a entrevista também foi utilizada, e segundo LAKATOS (2003, p. 195), “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Ainda para (LAKATOS, 2003, p. 45), “encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa”.

Fazem parte da escolha estas duas casas investigadas nesta pesquisa, pois denotam importância por assumirem junto à comunidade barrabugrense o caráter de patrimônio local, ou seja, já existe uma manifestação prévia desta escolha, e, também tiveram importância na escolha, tanto pela disponibilidade de informações e interesse dos proprietários, tanto no caso da Casa Jango, como na Casa Borges (terminologias que adotamos para referenciar as casas), sendo que a segunda foi indicada pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres por intermédio da Arquiteta e Urbanista Diva Onofre da Silva, últimas remanescentes da técnica construtiva de adobe, pedra canga, no município, a segunda por tratar-se de interesse da prefeitura para espaço de permanência da cultura barrabugrense.

2. COLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Segundo Siqueira (2002 p. 24), os portugueses chegaram à costa brasileira por volta do ano de 1500, quando Pedro Álvares Cabral, saiu do porto lusitano do Tejo numa expedição em direção às Índias. Ao se desviarem da rota original e se afastarem da costa africana, aqui chegaram. A partir de então se dá início a colonização da mesma, dentro dos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas (figura 01) que a princípio iniciou-se na faixa litorânea, onde tiveram que adaptar-se ao clima tropical e a novos materiais. Primeiramente alojaram-se em mocambos (figura 02) provisórios, porém, com a confirmação de subsistência no local, constituiu-se uma vila, que tinha grandes influências da corte, em busca de uma arquitetura de cunho permanente que transparecesse a cultura portuguesa, principalmente no âmbito religioso (SIQUEIRA, 2002 p. 25).



Figura 01 – Mapa delimitando áreas do Tratado de Tordesilhas
 Fonte: <http://www.etno.com.br/tags/brasil/>

Mais tarde, inicia-se a exploração do interior das terras brasileiras, pelos bandeirantes, que estavam em busca de mão de obra escrava indígena, e de riquezas materiais, então passaram por terras paulistas e posteriormente descobriram a riqueza tão almejada nas Minas Gerais, onde encontraram ouro e diamante. A colonização de terras selvagens necessitava de vasta mão de obra (PRADO JÚNIOR, 1999, p. 11):

A colonização do Brasil constituiu para Portugal um problema de difícil solução. Com sua população pouco superior a um milhão de habitantes e suas demais conquistas ultramarinas da África e Ásia de que cuidar, pouco lhe sobrava, em gente e cabedais, para dedicar ao ocasional achado de Cabral.

Por todo esse processo que lá ocorria, despertou ainda mais o interesse de desbravar o interior do país. Porém, segundo o Tratado de Tordesilhas, Mato Grosso pertencia oficialmente à corte hispânica, que transitaram pelas terras que hoje constituem o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas nelas não se fixaram, pois estavam voltados para a mineração da região andina (SIQUEIRA, 2002 p. 26).

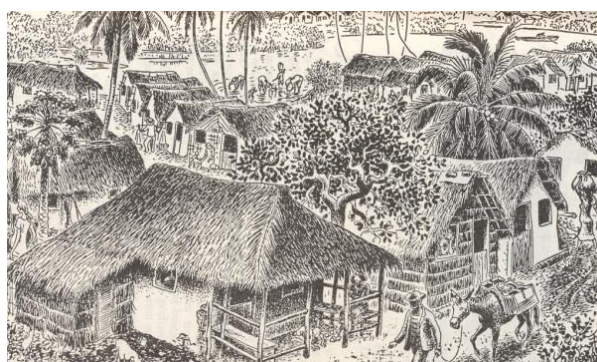


Figura 02 – Mocambo.
 Fonte: FREYRE, 1990.

Somente em 1718 bandeirantes paulistas chegaram às dimensões do Rio Coxipó-Mirim (SIQUEIRA, 2002 p. 26), em alancço das expedições Antônio Pires de Campos, seguida por Pascoal Moreira Cabral. Local conquistado por violentas lutas entre brancos e índios. Ocasionalmente foram encontrados pepitas de ouro lavadas da terra, conseqüentemente, foram estabelecidas minas, para onde vieram mineiros que já eram familiarizados ao trabalho de extração e seleção.

...Descobri-se o ouro, ali, precisamente em Cuiabá, no ano de 1718. Porém, jazidas e aluviões escassas, comparadas às de Minas Gerais. O afluxo de população foi muito menor, a decadência mais acentuada e rápida.(PRADO JUNIOR (2004, p. 56).

A navegação pelos Rios Paraguai e Cuiabá permitiu não só o transporte de mercadorias por suas vias, mas também a integração das diversas culturas aqui existentes, aprendendo e ensinando seus costumes, crenças e hábitos. (SENRA E SILVA, 2012, p. 32).

Por sua vez, o povoamento da cidade de Barra do Bugres está ligada à cidade de Cáceres, no estado de Mato Grosso(RIVERA, 2006, p. 38):

À exploração da poaia, nos vales dos rios Paraguai e Guaporé, deve-se o desenvolvimento experimentado por Cáceres que se projetou como centro comercial e exportador do produto, atendendo, inclusive, à demanda externa do mesmo. Foi, ainda, a exploração dessa espécie vegetal que deu suporte à criação do povoado de Barra do Bugres, às margens do Rio Paraguai.

Em 1878, começou a receber os primeiros habitantes, vindos de Cuiabá, impulsionados pelo extrativismo da poaia - a ipecacuanha - planta cujas raízes possuem grande valor medicinal (SENRA E SILVA, 2012, p. 31). Já em 1879 foram chegando mais exploradores com amigos e os poaieiros. Apesar das dificuldades enfrentadas na época como ataques de índios da região foram chegando mais e mais exploradores, que descobriram outras formas de renda como ouro, diamante, borracha e ainda a própria poaia, que veio a se tornar a mais importante fonte econômica da época (IBGE, 2010). Desta forma a ocupação da cidade está intimamente ligada à exploração da poaia, pois serviu de estímulos para os aventureiros que buscavam melhores condições de vida, por ser um bem material importante da época, tinha tanto valor como a moeda comercial, sua raiz era utilizada em transações comerciais, importância essa que ficou evidente durante muitos anos(SENRA E SILVA 2012 p. apud MORAES, 2004).

2.1. ARQUITETURA COLONIAL NO BRASIL

Segundo Reis Filho (1997, p. 22) é possível afirmar com segurança que a arquitetura do período colonial no Brasil, uma arquitetura dos primeiros séculos de colonização brasileira, está intimamente ligada às tradições portuguesas, onde as ruas, assim como as construções apresentavam aspectos uniformes, e as residências eram construídas sobre o alinhamento das vias públicas, e muitas vezes seguiam uma padronização estipulada por cartas régias ou em

posturas municipais(Figura 03), onde visava garantir as vilas e cidades brasileiras uma aparência lusitana.

As repetições eram vistas apenas nas fachadas, porém a monotonia tomava conta também das plantas das casas e as técnicas construtivas eram na maioria das vezes primitivas e vernáculas. Nos casos mais singelos, as edificações civis, eram produzidas de pau-a-pique, adobe, e taipa de pilão, e nas casas mais importantes, eram utilizados pedras e barro, mais raramente tijolos ou pedra e cal, as coberturas de duas águas, uma caindo para a rua e a outra para o quintal. Assim como, as casas eram construídas nos limites vizinhos, tendo assim uma expectativa das casas vizinhas serem da mesma altura, para evitar as empenas contra a chuva(REIS FILHO, 1997, p. 24 e 26).



Figura 03 – Fisionomia da Arquitetura Civil Colonial .
Fonte: REIS FILHO, 2002, p. 23.

Essas características foram sendo passadas através dos anos de pai para filho, marcando gerações e difundindo a cultura colonial através dos tempos, principalmente quando se trata de “Áreas de Planalto”, conceito defendido por Carlos Lemos (1979), especificamente em Minas Gerais. Adequando-se assim à arquitetura produzida no período colonial, em uma arquitetura vernácula essa que sempre serviu de alicerce para os diversos estilos arquitetônicos. No Brasil os lusos construíram baseados nos conhecimentos indígenas em suas “estruturas autônomas e coberturas de vedos de palha” (LEMOS, 1979, p. 29).

Pessoti (2011, p. 126) cita que na arquitetura vernacular há falta de materiais de qualidade, mas falta principalmente mão de obra especializada para aplicar as técnicas construtivas com mais qualidade, e por este motivo foi aplicada nos primeiros tempos da colonização, pois podia envolver a população em mutirão.

Desta forma a arquitetura empregada em Cuiabá é bem próxima da que foi desenvolvida em Minas Gerais, marcada por características coloniais. A explosão populacional inicial foi causada pela descoberta do ouro, não importando a longa distância existente entre um núcleo e outro (PRADO JUNIOR, 2004, p. 56):

Esta diferença determina uma estrutura de povoamento inteiramente diversa no Centro-Sul, setor da mineração, e no sertão do Nordeste.

No primeiro o que vamos encontrar quando cessam a expansão mineradora, as explorações e as novas descobertas que se sucedem continuamente, provocando migrações e deslocamentos bruscos da população; quando numa palavra se sedimenta e estabiliza o povoamento – e isto se verifica cerca de meados do séc. XVIII -, o que vamos encontrar então é uma nebulosa de estabelecimentos mais ou menos separados e isolados uns dos outros, e disseminados por uma área que não é inferior a dois milhões de quilômetros quadrados, isto é, que forma todo o miolo do que hoje constitui o território brasileiro, abrangendo os Estados de Minas Gerais, Goiás, parte de Mato Grosso e um pouco da Bahia.

Para Freire(1997, p.2-87), os materiais básicos de construção, usados no século XIX, em Cuiabá eram, em sua grande maioria, produzidos e extraídos nos arredores da cidade. A pedra canga foi utilizada por longo período nas construções, pois era encontrada em abundância em formações próximas à cidade. A taipa socada, massa que se obtém da mistura de argila, água e palha, foi substituída pelo adobe, que são os tijolos de barro. A importância da preservação das construções se deve ao fato de que a história é contada pela arquitetura.

Em 1878 começaram a surgir os primeiros colonizadores começaram a se assentar em Barra do Bugres, às margens do Rio Paraguai (FERREIRA, 2001, p.395). Ali se ergueram as primeiras edificações, casarões e ranchos, onde os moradores trouxeram consigo costumes e métodos construtivos característicos da sua regionalidade, arquitetura essa que se adapta a regionalidade e dificuldades locais. Essas construções tinham características arquitetônicas vernáculas, feitas de materiais encontrados na própria região, como por exemplo, as casas eram geralmente feitas de taipa de pilão, adobe, pedra canga, palha e coberto de telha capa canal(Figura 04).

A partir destas construções se formou o espaço urbano da cidade, hoje conhecido como antigo centro ou parte histórica da cidade. Espaço esse que teve seu desenvolvimento até 1960, quando passou a perder sua centralidade, e a partir de 1988 teve um novo centro político administrativo com a transferência da prefeitura para outra área (GUIMARÃES, 2010, p.82). O Rio Bugres como era conhecido o povoado teve seu nome alterado em 1938 para Barra do Bugres, passando para categoria de vila e sendo município em 1943. (FERREIRA, 2008, p. 397).



Figura 04 - A balsa de madeira foi utilizada enquanto não havia a ponte de madeira, como única forma de cruzar o rio Paraguai.

Fonte: www.barradobugres.mt.gov.br/bancodeimagens

3.PRESERVAÇÃO E CULTURA

A preservação do patrimônio e da cultura de um povo não mais se resume à preservação de fatos ou elementos arquitetônicos de grande importância histórica, mas também aos mais modestos, visto que estes tem um elo com o passado (PESSOTTI, 2011, p. 25):

Tal como ocorreu com os estudos historiográficos, a partir da década de 1930, mas especialmente depois da II Grande Guerra, em que o protagonismo dos grandes vultos históricos cedeu lugar aos processos sociais e ao povo, o conceito de patrimônio cultural tem se expandido compreendendo não só objetos e monumentos excepcionais, representativos da cultura dominante, como os artefatos e a arquitetura modesta de minorias igualmente formadoras da nacionalidade.

A importância desta preservação está no fato de que estes bens contam a história dos colonizadores e constroem a memória dos seus descendentes. Para Pessoti (2011, p. 26):

De onde advém o valor dessas obras modestas? Advém menos de seus caracteres artísticos que de atributos de uso social e características espaço-ambientais típicos de determinadas comunidades. São objetos de trabalho, instrumentos musicais, casas que mantêm uma relação com a rua e com o passeio muito diversa da dos apartamentos atuais, ou bairros que ensejam formas de sociabilidade que já não se verificam em conjuntos habitacionais do BNH, ou em super-quadras de Brasília.

Se a preservação destes bens for feita de forma adequada, com os devidos registros, estará assim valorizando a cultura local e podendo proporcionar a melhoria na qualidade de vida de seus habitantes (PESSOTTI, 2011, p. 26). Para Lemos (2000, p. 25), é dever da sociedade guardar a identidade cultural, incluindo recursos materiais e técnicas empregadas.:

Se devemos preservar as características de uma sociedade, teremos forçosamente que manter conservadas as suas condições mínimas de sobrevivência, todas elas implicadas no meio ambiente e no seu saber

Como foi observado nas pesquisas realizadas neste estudo, mostra-se a urgência em se preservar o que ainda resta, para que não haja uma ruptura entre o passado e o presente, conforme (PESSOTTI, 2011, p. 110):

Entretanto, nem todos os objetos construídos ao longo da história permanecem no espaço e na paisagem. Alguns destes objetos são suprimidos e a paisagem, pode, então, revelar as permanências e rupturas históricas de uma cidade. A paisagem pode revelar ainda a construção social e cultural de uma sociedade, as técnicas empregadas para a estruturação de uma cidade e suas transformações.

4.BARRA DO BUGRES: EDIFICAÇÕES, TÉCNICA E CULTURA

Desde os tempos mais remotos o barro foi utilizado nas mais diversas formas, foi sendo reinventado, adaptado. Atualmente, ao registrar os dados de um projeto arquitetônico, ou mesmo uma construção edificada anteriormente, quando ainda não havia tecnologia suficiente para isso, ou mesmo não por falta de interesse nesse registro, faz-se um estudo bibliográfico, entrevistas, pois estas informações são fator indispensável para o registro da história, memória, cultura dos nossos antepassados para que as futuras gerações tenham acesso às informações e também que a cultura das mais diversas populações seja preservada. Para Oliveira (2008, p. 13):

A natureza humana é um poço de contradições, o que explicaria (mas não justificaria) o pouco caso e até mesmo a iconoclastia que é desencadeada sobre os testemunhos do nosso passado, as nossas memórias que nos fazem indivíduos e comunidade, que resgatam uma parcela da nossa cidadania, que nos permitem aspirar à categoria de povo civilizado e que nos fazem refletir sobre a nossa caminhada para o futuro.

A arquitetura colonial utilizou o adobe ou adobo (FERNANDES, 2005, p. 45), “é um material cuja técnica consiste em moldar, sem compactar, unidades ou módulos em terra, apenas secos ao sol”, e este adobe moldado de forma aperfeiçoada, em moldes, geralmente de madeira, ficando assim regular e ortogonal. O adobe manual tem forma irregular.

Em visitas *in loco* pode-se analisar métodos construtivos utilizados por famílias que adentraram a região de Barra do Bugres, onde se destacam em famílias de menor renda construções de pau-a-pique (cercadas de madeira rústica – barrote, com taquaras no sentido horizontal e varas de indaioba no sentido vertical, as frestas eram vedadas com barro, a cobertura era feita de sapé), alguns moradores remanescentes daquele período afirmam ainda que as paredes de pau-a-pique eram feitas com troncos finos de madeira e taquara, variação ocorrida devido à regionalidade, onde surge a necessidade de adaptação.

As famílias mais abastadas construíam com adobe e ainda tendo a cobertura de telha capa-canal e paredes caiadas como revestimento. Ambas as residências analisadas, dois remanescentes do processo migratório em Barra do Bugres, datam início do século XX, localizadas no antigo centro da cidade (parte

histórica da mesma), denotam características marcantes deste século, intimamente ligadas à linguagem arquitetônica colonial.

4.1. CASA JANGO

A Casa Jango, por exemplo, propriedade do Sr. João Elizário Silva Arantes, também conhecido como Jango, nascido e criado em Barra do Bugres, e viveu durante muito tempo através da renda da poia é um dos remanescentes elencados nesta pesquisa. A residência possui uma linguagem arquitetônica derivada das características coloniais, em virtude da adaptação por meio do habitat, fora construída com materiais de fácil acesso na região.

A casa, segundo ele fora construída em 1946, as paredes são formadas por blocos de adobe assentados com argamassa da mistura de barro, cinzas de madeira e estrume de gado, segundo Jango, que é o atual proprietário, porém na parede que sai na área de serviço, já foi reformada sendo esta de alvenaria.

A fundação constitui-se de pedras canga moldadas na forma retangular, na qual são assentados tijolinhos maciços de barro sobre elas para o assentamento das paredes. As telhas são de barro moldadas de formas irregulares, e o piso é formado por tijolos maciços de barro. A residência apresenta um degradado estado de conservação por falta de uso e manutenção.

Os ambientes internos(figura 05) são formados por uma sala de estar, um quarto, uma cozinha e um banheiro, e uma área de serviço ao fundo, sendo que na parte frontal voltada a beira do Rio Bugre estão localizados sala e quarto, e aos fundos do terreno temos a cozinha, constituindo-se assim numa casa tipicamente ribeirinha (figura 06 e 07).Originalmente era formada por sala, quarto, banheiro e cozinha, mais tarde foi construído com matérias agora já existentes (Tijolo cerâmico) a área de serviço. (Figura 05)

Atualmente existem poucos indícios de manutenção, podendo observar a substituição da parede externa do fundo da cozinha e área de serviço e o fechamento da janela do banheiro com tijolo cerâmico e chapisco. O piso da sala e do quarto foram revestidos por uma camada fina de cimento, e no fundo da residência foi feita uma cobertura com telha de fibrocimento para utilização dessa área como lavanderia. Observam-se, também, algumas partes sem reboco nas paredes externas, expondo os blocos de adobe (figura 08 e 09). E o madeiramento da cobertura está apodrecendo, porém mantém a mesma linguagem da concepção original.

Um dos pontos que devem ser levados em consideração na questão da localidade é a importância histórica, pois está localizada em uma área onde é denominado como centro histórico da cidade, considerada pelo plano diretor da cidade como Zona de interesse histórico, também tendo importância por estar localizada na parte que da início ao perímetro urbano da cidade, sendo muito próxima a MT 246.

É inestimável o valor da técnica construtiva da arquitetura vernacular aplicada na Casa Jango e de sua história social, da comunidade ribeirinha que ali se formou, da interação de valores, símbolos e manifestações que nos remete a antigos signos significados.Despertar o sentido de identidade é dentre uma das

funções da preservação do patrimônio e ser um elo entre o presente e o passado, nos permitindo conhecer a cultura, a tradição, valorizando assim a nossa identidade. Diversos são os fatores resultantes da vida capitalista na sociedade globalizada que podem gerar impactos irreversíveis nos patrimônios.

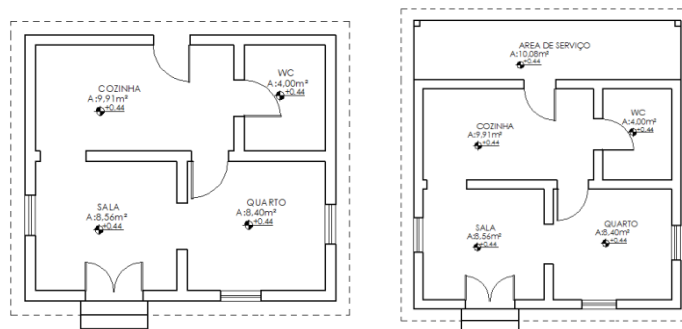


Figura 05 – Planta original (à direita) e Planta Modificada (à esquerda)
Fonte: autores, 2013



Figura 06 - Fachada principal da Casa Jango.
Fonte: autores, 2013.



Foto 07 - Fachada lateral direita da casa Jango.
Fonte: autores, 2013.



Figura 08 - Interior da Casa Jango
Fonte: autores, 2013.



Figura 09 - Junção parede de adobe/alvenaria da Casa Jango.
Fonte: autores, 2013

4.2.CASA BORGES

A Casa Borges, é outra remanescente deste período, segundo a antiga proprietária, Senhora Andreolina Santos Borges, vinda da cidade de Cáceres MT, atualmente com 84 anos, formou família na cidade, casando-se com Herculano Borges, falecido, veio da cidade de Rosário Oeste, Mato Grosso, em busca da exploração da poaia, se tornando assim um patrão de poaia.

A casa foi construída entre 1955 e 1956, sendo que a sua fundação fora executada em pedra canga socada, paredes de adobe revestidas com um mistura de areia de goma (argilosa), com estrume de gado, pode-se notar que a estrutura da casa fora feita em forma de esteio com aroeira e a fachada principal se configura com tijolos maciço de barro, em uma vez.

A cobertura original era de telha capa canal artesanal, que após alguns anos foi substituída por telha cerâmica industrializada, trazida de Minas Gerais, uma parte do piso é constituída de mosaico, e a outra parte de cimento queimado desempenado. A casa foi construída por José Valeriano de Moraes, mestre pedreiro, morava em Cuiabá, mas veio para o estado de Mato Grosso de Minas Gerais, de onde vieram também a família dos proprietários da casa.

Recentemente esta casa foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres através do Decreto de Lei Nº 021/2013, do dia 20/05/2013, e aprovado pela Câmara Municipal de Barra do Bugres – Comissão de Finanças e Orçamento, de acordo com o parecer Nº 031/2013 no dia 06/06/2013, autorizando o Poder Executivo Municipal a adquirir o imóvel considerado de interesse histórico, sendo destinada à instalação da Casa da Cultura, com salas para o Centro Cultural, Sala de Museu, Casa do Artesão e serviços de informação ao turista e demais atividades relacionadas ao turismo e cultura. Isso demonstra que o município tem interesse em preservar as áreas que possuem um teor histórico, cultural ou paisagístico, e este imóvel, em especial, possui suas peculiaridades, integrando a história do município com a história do país.



Figura 10 – Parte Central da Casa – Subdividida
Fonte: autores, 2013

A casa se encontra em boas condições de uso, notando-se a preservação das características arquitetônicas da época. No momento das visitas *in loco* a casa estava locada, para duas residências e uma mercearia. A casa encontra-se subdividida em duas partes (figura 10), sendo que a porta de madeira localizada no meio da casa a divide em duas. Sendo que a primeira, que fica na lateral direita é composta por 01 quarto, 01 sala, 01 cozinha e varanda. A outra metade da casa compõe-se da circulação, dada pelo hall de entrada, 01 quarto, 01 sala, 01 cozinha, 01 varanda e 01 sanitário (que é de uso comum de ambos locatários). A mercearia está disposta na fachada principal, lado esquerdo, e não há divisões (figuras 11 e 12).



Figura 11 - Fachada principal.
Fonte: autores, 2013.



Figura 12 - Fachada lateral esquerda.
Fonte: autores, 2013.

Observando-se o histórico da casa, percebemos que há um elo entre a técnica construtiva empregada com a arquitetura colonial brasileira. Conforme Lemos (1979, p. 89), quando cita a integração entre as formas de arquitetura empregadas em Minas Gerais: “As alvenarias de pedra dura, de “canga”, como era chamado o minério de ferro”, mesmo material empregado na fundação da casa, e sabendo que a família veio de Minas Gerais, assim como o mestre pedreiro (figuras 13, 14, 15 e 16).



Figura 13 - Parede lateral esquerda (rachadura)
Fonte: autores, 2013



Figura 14 - Piso de mosaico.
Fonte: autores, 2013.



Figura 15 - Pilar com reboco danificado.
Fonte: autores, 2013



Foto 16—Detalhe da janela fachada.
Fonte: autores, 2013

Esta não pode ser uma ação isolada, pois para que permaneça é necessário que sua manutenção na atual linguagem arquitetônica possa proporcionar à população local o registro de sua memória, assim como para os usuários e visitantes. Dessa forma, complementa Bonduki (2010, p. 364):

Apenas assim se garante diversidade de usos e classes sociais, elemento indispensável para a efetiva preservação cultural desses sítios, mantendo-se não só o cenário de um ambiente histórico, mas uma trama na qual o patrimônio urbano e arquitetônico se enlaça a

uma complexa rede de relações sociais, antropológicas e culturais, cuja imaterialidade é a própria alma das cidades.

No contexto de Barra do Bugres, seu centro histórico passou a ser um local abandonado, sem investimentos públicos, privados e sem segurança, haja vista a transferência do antigo centro político/administrativo para o novo centro, onde um novo entorno de serviços e comércio se formou.

5.CONCLUSÃO

Barra do Bugres é uma cidade jovem ainda, próximo de outras cidades centenárias, em 1878 chegaram os primeiros povoadores, onde hoje a população tem necessidades vinculadas ao mundo globalizado a serem atendidas. Para isso é necessário se desenvolver atividades, como o turismo, por exemplo, que beneficiem a comunidade local, fazendo dela parte integrante deste processo de transformação, pois só assim os locais históricos serão mantidos, gerando sustentabilidade e qualidade de vida, permanência, preservação, memória. Se a identidade do morador for preservada vinculada às atividades econômicas assim desenvolvidas nesse novo ambiente, haverá uma “troca” que permitirá a sobrevivência material e imaterial da arquitetura, história, cultura.

Podemos perceber assim que a arquitetura colonial, aquela derivada da cultura lusitana, teve forte influência na concepção arquitetônica da cidade de Barra do Bugres, trazendo características marcantes para a formação histórica e cultural da cidade. Com o passar dos anos poucas construções foram mantidas, podemos ver que a arquitetura conta a história por si só, e que além do valor histórico e cultural, possui um valor sentimental para os proprietários e cidadãos barrabugrenses, provando mais uma vez que a arquitetura é uma ciência social.

Se a arquitetura colonial, derivada da cultura lusitana, influenciou a concepção arquitetônica de Barra do Bugres, assim deixando traços de sua cultura, estes elementos arquitetônicos devem ser preservados para que sua história esteja presente na vida das futuras gerações, para que vivenciem o que seus antepassados construíram. Consta-se que a cultura de um povo interfere diretamente em seu modo de vida, em seu habitat, e que estas podem se unir a culturas diversas, enriquecendo ou se perdendo no tempo, caso não haja um esforço comum entre seus proprietários, comunidade e gestores para a valorização do patrimônio.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. – Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

CÂMARA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES – Comissão de Finanças e Orçamento – Parecer Nº 031/2013.

FERNANDES, Mariana publicado em **Arquitectura de Terra em Portugal**. Lisboa:Argumentum, 2005.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e Seus Municípios**. Cuiabá, Secretaria de Estado da Educação, 2001.

FREIRE, Júlio De Lamonica. **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá: EDUFMT, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: a continuação de Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990

GUIMARAES, C.S. **Uma leitura da expansão urbana de Barra do Bugres: Rodovia MT 246 como elemento estruturador**. Tese de conclusão de curso, UNEMAT, departamento de arquitetura e urbanismo Barra do Bugres, 2010. Como meio de obter título de arquiteto e urbanista.

IBGE CIDADES. Censo 2010. Barra do Bugres. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de Abril de 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. 5ª ed. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LE MOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOPEZ, Luiz Roberto. 5ª ed. **História do Brasil Colonial**. São Paulo: Mercado Aberto, 1987.

MIRANDA, Graci Ourives de. 1ª ed. **Riquezas Lícitas de Mato Grosso**. Cuiabá: EDUFMT, 2010.

MORAES, Cleonice Aparecida. **Histórias e Trajetórias: Um estudo sobre o cotidiano dos poaieiros em Barra do Bugres (1930-1960)**. UNEMAT. Cuiabá, 2004.

OLIVEIRA, Mario Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória** / Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. 21ª ed. **Evolução Política do Brasil: colônia e império**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. 23ª ed. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES– Projeto de Lei Nº 021/2013.

REIS FILHO, Nestor Goulart. 10ª ed. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RIVERA, Márcia S. P. **Cuiabá: um nó na rede**. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tese – 2006.

SENRA E SILVA, Jane Ferreira. **A identidade tradicional mato-grossense expressa no Siriri Cururu e São Gonçalo: uma intersubjetividade Cultural e seu devir Cáceres-MT**. Tese de mestrado, UNEMAT, Cáceres, 2012.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. 1ª ed. **História de Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

PESSOTTI, Luciene e RIBEIRO, Nelson Pôrto (org.). 1ª ed. **A construção da cidade portuguesa na América**. Rio de Janeiro: PoD editora, 2011.